

4- Discorra sobre o ensino escolar de Literatura Apicana de língua portuguesa atualmente no Brasil

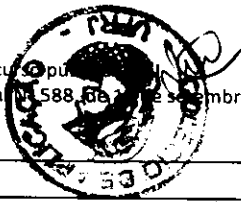
Atualmente, há leis específicas sobre o ensino de Literatura Apicana de língua portuguesa no Brasil, a que significa um grande avanço nesta área. Este tipo de estudo é fundamental, uma vez que a cultura apicana é constituinte da nossa como o samba e o carnaval, entre muitas outras. ~~Porém~~ Nestas leis, há orientação para elaboração de material didático, seleção de conteúdos e obras, porém o campo educacional ainda não consegue responder aos avanços das leis, havendo ~~uma~~ dificuldade de circulação de obras literárias de autores apicanos, gerando dificuldade de acesso a elas por parte de professores e estudantes.

Além disso, incide sobre o ensino de Literatura Apicana de língua portuguesa a formação docente nas universidades, com pouca oferta de cursos específicos e poucas disciplinas a este respeito na área de Letras, muitas vezes, inclusive, sendo apenas eletivas. Desta modo, o avanço na ^{área} não representa um avanço concreto na formação docente de Literatura Apicana de língua portuguesa. Para garantir o avanço neste tipo de estudo é fundamental que a formação de professores acompanhe o avanço legislativo.

Diante destes avanços e entraves, é interessante que o docente parta dos conhecimentos prévios dos estudantes, insistindo na leitura e produção textual, gerando debates de modo a estimular a reflexão crítica e aprofundar os conhecimentos de cultura e literatura apicanas e na interpretação de textos. Diante da dificuldade de adquirir tais obras literárias, o docente pode insistir em consegui-las em "sites" internacionais de venda de livros, embora a ideal fosse haver bibliotecas com o acervo necessário para tal estudo.

Vale ressaltar que na maior parte do tempo a literatura apicana se desenvolveu por meio da oralidade, só entrando na cultura letrada após a colonização portuguesa. Assim como a nossa literatura, a apicana de língua portuguesa nasceu em estado oral. É relevante ressaltar este aspecto oral da literatura apicana por meio da leitura de obras para os estudantes e de contações de história.

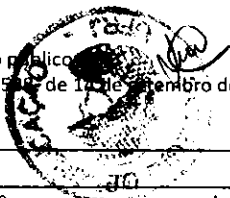
Além das atividades de leitura e escrita, é importante também ressaltar o caráter histórico, estudando as similaridades da formação ~~da~~ literatura apicana com a nossa, mesmo que a história desses países apicanos, em geral, apresentem evoluções tardias em relação



a mona que já tardava em relação a outros países, como no caso da independência que no Brasil se processou no século XIX e nos países africanos só no decada de 70 do século XX. Além disso, cada país africano de língua portuguesa tem uma formação literária distinta da outra, conforme seus desenvolvimentos sociais e históricos. Em Angola, por exemplo, desde cedo há circulação de periódicos e de textos literários, o que não aconteceu com São Tomé e Príncipe.

Outro aspecto importante para o estudo de literatura africana de língua portuguesa é a crítica literária e a história da literatura destes países, havendo publicações no Brasil de obras de Lúcia Baranqueira, Manuel Ferreira, Alfredo Margarido, Carmen Tinto, Soraisa, entre outros. Embora o trabalho com o texto literário seja o fundamental, recorrer à crítica serve para aprofundar os conhecimentos trabalhados nesta disciplina.

Deste modo, é possível perceber o avanço do ensino escolar de literatura africana de língua portuguesa, sobretudo no âmbito legislativo, porém este avanço nem sempre é acompanhado por setores fundamentais e estratégicos como o editorial, na circulação destas obras, e universitário, na formação de professores. A circulação de obras deste área quase sempre fica a rebuque de investimento e iniciativa governamental, o que tem mudado após o golpe de Estado que levou ao poder um governo ilegítimo visando de retirar investimento em áreas fundamentais como a educação e a inclusão dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, colocando em risco os avanços conquistados até agora, não só na área da educação.



2- Relacione o conteúdo de estrutura/formação de palavras à fonotática Apicana de língua portuguesa, no Ensino Médio.

As literaturas Apicanas de língua portuguesa têm um percurso que vai da oralidade ao letramento. Antes da colonização portuguesa a oralidade era a principal forma de transmissão e permanência de conhecimentos sobretudo por meio de lendas e mitos, ou seja, a transmissão e conservação de conhecimentos era eminentemente literária.

Com a colonização portuguesa, a cultura letrada se instaura nestes países, forma dos seus literaturas nacionais, ampliando seu poder de conservação e divulgação. Durante o período colonial, as literaturas Apicanas de língua portuguesa refletem, sobretudo, o pensamento colonial e burguês. Não havia aí um debate profundo sobre identidade nacional e panapicanicismo, deixando a realidade apicana à margem. Com o fim da 2ª guerra mundial, estes temas começam a ser tratados por estes literatos, que, aos poucos, começa a assomar para fora o espírito combatente e libertador, por exemplo de um Agostinho Neto ou de uma Pepetela. Muitos destes textos estimularam a revolução e a luta armada e a partir da década de 70 a descerê-las. Muitos destes obras não alcançaram um grande rendimento estético, mas foram historicamente fundamentais nos processos de independência, além de mostrar um panapicanicismo e de forjar identidades nacionais apicanas.

Na década de 50, Ruiandino Vieira começa a publicar, ajudando a elevar o rendimento estético da literatura Apicana de língua portuguesa, mostrando e gueto por dentro a literatura do período colonial. Já na época da literatura colonial havia algum uso do idioma crioulo e outros de raízes apicanas, mas Ruiandino tinha a alguma certa para misturá-los ao idioma português, muito inspirado pelo nosso João Guimarães Rosa.

Como isso, o uso e a formação de neologismos se torna um elemento de distinção e de identidade nacional, passando a ser largamente utilizado após o período revolucionário. Além disso, vários recursos morfológicos e de formação de palavras passaram a ser largamente utilizados de forma híbrida, conectando, por exemplo, prefixos e sufixos oriundos de morfemas de línguas apicanas a raízes, morfemas lexicais, portugueses e vice-versa, assim como Guimarães Rosa fez em relação à língua portuguesa, tupi, crioulo em relação a outras línguas europeias, como por exemplo em Sagarana em que se usa prefixo da língua alemã,

significando dizer o novo, e "nova" vem da língua tupi, significando "ao modo de". João de Deus utiliza ~~esta mesma~~ ^{semelhante} estratégia no título de sua obra mais conhecida no Brasil "Bocacanda" em que o prolongamento do "a" representa um prolongamento da capital brasileira e de toda Angola, formando um, ou propondo um, novo fruto, cidade, país, África.

Desse modo, a estrutura/formação de palavras é fundamental no desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa, utilizando assim como formações base por um tipo de formação de palavras da língua portuguesa, porém sob novas combinações nunca utilizadas. Inclui-se com nomes das línguas nativas. Na África, este processo de formação de palavras representa o seu processo de libertação, independência e consolidação de suas identidades nacionais.

A estrutura/formação de palavras é um dos processos mais fecundos da língua, exigindo meios para representar novas dimensões da existência nunca nomeadas antes. Novos fenômenos requerem sempre a formação de novas palavras para serem expressos. A capacidade de nomear é humilhante; pois foi um dos processos fundamentais na ~~transformação~~ ^{transformação} do "homo sapiens" ~~em~~ ^{em} humano moderno que conhecemos hoje. Sem a formação de novas palavras para nomear coisas novas, dificilmente haveria a interação humana para formar as sociedades que ~~formam~~ ^{constituem} os povos e nações modernas.

Com isso, é possível relacionar o conteúdo de estrutura/formação de palavras à Literatura Africana de língua portuguesa no mesmo nível, sobretudo por meio de leituras destas obras relacionadas as mais pertinentes e de suas interpretações em sala de aula promovendo um ambiente ao mesmo tempo científico e afetivo, partindo dos conhecimentos prévios dos estudantes e de comunidades leitoras que permitam o aprofundamento da reflexão crítica e do conhecimento, podendo se formar obras de produção textuais, incluindo, como fez a forte literatura africana, a experiência oral e a escrita.

3- Desenvolva reflexões teórico-práticas a respeito dos elementos constituintes do texto literário, no Ensino Fundamental II.

O Ensino Fundamental II, é o momento inicial de inserção dos estudantes no texto literário, sendo vital a leitura em sala de aula, não só a leitura individual de cada estudante, mas também a leitura em voz alta do professor para eles. A partir daí é possível ~~criar~~ ^{desenvolver} dinâmicas, como cada um ler em voz alta uma parte do texto ou a leitura individual de cada estudante. Com isso, é possível a retextualização de textos reais em escritos e vice-versa; do modo a aprofundar o conhecimento de cada modalidade textual, com suas particularidades e especificidades.

Em geral, o ensino da ^{leitura} ~~percepção~~ dá com foco principal no modo, buscando um conteúdo e temporalidade lineares e encaixados logicamente, sem ainda relacionar forma e conteúdo, naquilo que o IN chama de leitor crítico, do memorado e do enredo, que deve fazer o percurso para se tornar leitor crítico, aquele que relaciona forma e conteúdo, entendendo a forma como elemento significativo fundamental, o que Wolfgang Iser chama de leitor estético.

A leitura de textos simples, baseados no enredo e na concatenação lógica dos fatos, não garante o desenvolvimento para alcançar textos complexos, em que o não dito e o não pretendido, a co-produção de sentidos é o mais importante, ~~o~~ por ter a capacidade de gerar reflexão crítica, conhecimento de mundo e desenvolvendo a intuição, imaginação, criação. Sendo assim, como educar os estudantes de leitores críticos para leitores críticos? A criação de comunidades de leitores, que se constituam em comunidades interpretativas, é fundamental para tal, pois o desenvolvimento gradual de interpretações próprias é mais construtivo do que a explicação da interpretação do professor, por melhor que ela seja, uma vez que o conhecimento só é assimilado quando construído pela própria pessoa; que se faz agente e sujeito de seu próprio conhecimento. Cabe ao professor o papel de mediador, possibilitando várias interpretações não congruentes com a abertura que o texto dá para tal e quais não, sempre explicando o motivo. Desse modo, a interpretação do professor pode ser dada e explicada, mas como uma dentre várias outras interpretações, ~~as~~ dos estudantes.

Neste momento, não é preciso citar obras e intelectuais que falam sobre a obra aberta, como Eco, Bar e Jauss ou sobre a obra aberta barroca, como Hatzfeld ou

Outram Douvado. Neste nível de ensino, é fundamental para o estudante é entender que o texto literário se abre a várias interpretações, mas não a todas, pois a literatura sempre gera um fio condutor, validando algumas interpretações e outras não.

Este elemento literário da obra aberta remete a outro, a ambigüidade. A ambigüidade é juntamente um dos elementos principais que geram a abertura do texto a diversas interpretações, assim como a elipse e a chamada entrelinhas. A ambigüidade no texto literário em geral é proposital, até por ser fundante dele, diferente dos textos não-literários em que ela é indesejável. Isto porque o ~~texto literário~~ signo linguístico tende à denotação e o símbolo literário tende à conotação, de modo que o texto literário tende sempre à alegoria, à metáfora, por dizer uma coisa para dizer várias outras, insistindo ainda em seu caráter simbólico.

Estes elementos textuais se constituem na prática textual, sendo importante estimular a leitura, de preferência de modo gradual. Por exemplo, na nossa época intersemiótica muito mediática, o estudante pode ter dificuldade de entender ^{imediatamente} textos canônicos, quando chegamos a eles. Por outro lado, o ensino de literatura se faz para que o estudante conheça coisas novas e não para reforçar o que ele já conhece. Partir de suas leituras, começar por obras da literatura infantil-juvenil, criando um ambiente interpretativo aberto e apertado tende a levar os estudantes a novas leituras aprofundando sua capacidade interpretativa, reflexão crítica e conhecimentos de mundo, podendo gerar o interesse na leitura de obras canônicas que não aquelas consideradas de maior rendimento estético, intelectual, sensorial e religioso para a nossa cultura.